

A moral positivista de Teófilo Braga

Prof. Dr. Arsênio Eduardo Corrêa

(Instituto de Humanidades – São Paulo – SP – Brasil)

arsecorrea@uol.com.br

Resumo: A moral positivista tornou-se uma crença para aqueles que acreditaram que a ciência produziria uma “moral científica”. Teófilo Braga perfilou entre eles, portanto a moral positivista em si não existe.

Palavras-chave: Teófilo Braga. Positivismo. Ciência. Moral. Heterodoxo.

1. Considerações iniciais

Este é o tema da Comunicação, mas antes de entrar propriamente no assunto, quero agradecer ao Professor José Maurício de Carvalho pelo convite, sei da responsabilidade de falar a uma plateia de alto nível e além disso conhecedora do que fez e da importância de Teófilo Braga, agradeço ainda a Universidade Federal de São João Del-Rei por receber-nos.

Falar sobre Teófilo Braga é extremamente fácil pois há material por ele produzido em várias áreas da cultura e além desse fato, ele já foi vastamente estudado por estudiosos de melhor estirpe do que eu, mas mesmo assim, sem querer inventar a roda, proponho-me a modestamente contribuir, abordando esse assunto que me foi proposto.

2. Biografia

Inicialmente gostaria de fazer uma pequena apresentação de quem estou falando: Joaquim Teófilo Fernandes Braga, nasceu no dia 24 de fevereiro de 1843, em Ponta Delgada, Ilha de São Miguel, Açores e, faleceu em Lisboa no dia 28 de janeiro de 1924. Formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra, tornou-se professor, tendo lecionado literatura no Curso Superior de Letras, atual Faculdade de Letras de Lisboa. Fixou-se em Lisboa em 1872. Produziu obras literárias de grande valor, entre elas podemos mencionar as obras de história literária, etnografia, destacando-se os contos e canções tradicionais, teve incursão na poesia, na ficção e na filosofia. Na área do pensamento é considerado introdutor do Positivismo em Portugal. No campo da política teve atuação das mais relevantes, sendo um dos responsáveis pela queda da Monarquia, tendo sido Presidente do Governo Provisório da República Portuguesa, que funcionou de 5 de outubro de 1910 a 4 de setembro de 1911, ocasião em que foi dissolvido; voltou ao poder exercendo o cargo de Presidente da República, entre 29 de maio e 4 de agosto de 1915.

Sua vida intelectual foi das mais intensas, extensa e brilhante, como esta Comunicação não

tem o objetivo de fazer uma biografia, apresento resumidamente algumas obras para que tenhamos um perfil desse grande intelectual. Na poesia, menciono *Visão dos Tempos*, de 1864; na ficção, *Contos Fantásticos*, de 1865; no pensamento político, *Sistema de Sociologia e Traços Gerais da Filosofia Portuguesa*; na Antologia, *Cancioneiro Popular*, de 1867.

Para ilustrar a contribuição de Teófilo Braga, me socorro, do seu livro *O povo português nos seus costumes, crenças e tradições*, nele se identifica o português conforme o próprio título explica. Teófilo Braga tem uma contribuição inestimável para a cultura portuguesa e consequentemente para nós. Destaco deste livro, dentre as lendas do Algarve, *O homem do Chapéu de Ferro*, ser mítico do folclore português. Sobre ele conta:

Aparece logo que dá meia-noite e o galo canta, à beira das estradas, por baixo das oliveiras, das figueiras ou junto as fontes. Vagueia até à terza noite umas vezes acompanhado d'um porco preto que grunhe de momento a momento, outras d'um grande veado cuja armadura toca o zimbório das torres ou ainda d'um galo negro como a noite de trovões. Todos estes animais que acompanham o homem do chapéu de ferro, cada um na noite que lhe foi destinada, são o Diabo que toma diversas figuras. Esta entidade mítica tem o poder de afrontar a tempestade, de fazer parar o raio e de arrasar o mundo, caso o galo, o porco ou o veado inquietem. Também, para se vingar dos homens que odeia, assalta-os, rouba-os e mata-os. Depois de tudo é fumo e labaredas que saem da terra como vulcões. Traz um enorme chapéu de ferro enterrado na cabeça. É uma figura colossal, tem a boca rasgada como a d'um monstro, deitando chamas quando se enche de raiva, e a sua cor é a de bronze. Todavia foge quando avista a velha égua branca (BRAGA, 1885).

Eis uma amostra da contribuição de Teófilo Braga, mas ele não é só isso, pois um homem que tenha vivido o que viveu tem que ter paixão pelas coisas que faz e ele mesmo atesta isso, quando da segunda edição de *Contos Fantásticos*. Transcrevo a seguir o que ele mesmo escreveu sobre isso na linguagem original da preliminar publicada em 1894, lembro que, originalmente, esses contos foram publicados em 1865. Vejamos o que diz Teófilo:

Vae para trinta annos que estão publicados os Contos phantasticos. Em boa verdade, nunca mais passei os olhos por este livro, que me apparece agora como obra de um extranho. Não tornei a lêr esses contos, não por um affectado desdem pela minha obra, desdem que condeno em todo o escriptor que se não preoccupa com a coordenação definitiva dos seus trabalhos, mas porque este pobre livro ficára ligado a impressões dolorosas cuja renovação evitava. Foram reunidos em volume em 1865 os Contos phantasticos no meio das refregas da conhecida - Questão de Coimbra -; publicára a maior parte d'elles no Jornal do Commercio, em cuja collaboração litteraria auferia uns tantos réis com que ia seguindo o meu curso na Universidade. De repente achei-me cercado de odios; cortaram-me os viveres na

empresa do jornal, nas aulas de Direito tiraram-me a mesquinha distinção academica, os criticos espalmaram-me rudemente, os livreiros recusaram-se a dar publicidade ao que escrevia, e os patriarchas das letras com o peso da sua auctoridade sorriam com equívocos sobre o meu valor intellectual, chegando a circularem lendas depressivas do meu character e costumes que só consegui desfazer com uma vida ás claras e cheia de ignorados sacrificios. Outro qualquer ter-se-hia rendido. Vi-me forçado a inverter as bases da minha existencia, abandonando a Arte que me seduzia, porque me abandonara a serenidade contemplativa, e lancei-me á critica, á erudição, á sciencia, á philosophia. N'este campo os meus erros e exageros bem merecem ser perdoados. Só muito tarde é que consegui conciliar em mim estas duas tendencias do espirito; mas não pensava em reimprimir os - Contos phantasticos -, a não sêr um dia em uma collecção de cousas avulsas constituindo a ingenua mescellanea das minhas - Juvenilia -. Uma carta do meu bom amigo Antonio Maria Pereira, surprehendeu-me, manifestando o desejo de fazer uma nova edição d'estes - Contos -. Como recusar-me a uma tão honrosa proposta? Resalvei a condição de revêr isso de que nem já formava ideia. Foi assim que tive de lêr os - Contos phantasticos -, do rapaz de vinte e dous annos que existiu em mim, e a frio pude julgar da impressão por elles produzida. Achei ali uma fraca penetração no mundo subjectivo ou moral, encoberta com o esforço das comparações poeticas e dos epithetos; desgostou-me o estylo em que a prosa se confunde com o verso, --apresentando ainda a falta de nitidez de quem não pensa com segurança; e emquanto ao drama da vida, que é o thema eterno das obras de arte, notei tambem pouco movimento, as situações são narradas em vez de succedidas. O que salva o livro? Uma pequena cousa, que é tudo, a paixão. Ao fim de trinta annos ainda achei ali calor, a ardencia de um organismo que se queima, a vibração sensorial de uma mocidade plena que se lança de peito aberto ao combate da vida. Foi esta paixão flagrante que fez com que esses Contos não ficassem esquecidos no - Jornal do Commercio - de 1865; voltando então de umas férias para Coimbra, felicitou-me Eça de Queiroz, affirmando-me que nos cafés em Lisboa cortavam-se os folhetins, quando traziam algum conto meu. Nesse mesmo anno José Fontana quiz publical-os em um livro, que seguiu o seu fadario, sendo o mais glorioso o andar na algibeira do celebre engenheiro João Evangelista, que morreu devorado por uma violenta paixão amorosa. O pequeno livro estava na mesma afinação da sua alma. Cartas, que ainda guardo, me fallaram da impressão de um ou outro conto, por esse tempo. Tudo isto me lembrou ao sentir que effectivamente o fogo que ha n'esses mesquinhos quadros se communica. E n'este dilemma dos dois amores, em que ainda se debate o espirito, attrahido para a arte e seduzido pela sciencia, hoje repassando as paginas d'este livro, é com uma certa piedade saudosa que o deixo reviver na publicidade, e lhe inscrevo com a frieza do Qualificador inquisitorial: - Feitas as emendas necessarias póde correr (BRAGA, 1894, preliminares).

O texto reproduzido é longo mas necessário para se provar que nenhum homem consegue ter uma vida tão brilhante sem ter paixão por ela e pelos desafios que enfrenta, este é o exemplo que

Teófilo Braga nos dá.

Teófilo Braga encontrou em Vico, o interesse pelo estudo das tradições das raças, através dos símbolos com que a humanidade exprimia as suas aspirações, traduzidas nos contos populares, nos mitos, nas lendas, nas alegorias, nas fábulas.

Antônio Braz Teixeira, no *III Colóquio Tobias Barreto*, realizado em Lisboa em 1996, expõe um texto no qual ele aborda *Direito moral no pensamento de Teófilo Braga e Sílvio Romero*. Segundo Braz Teixeira, Teófilo dirigiu a *Revista de Estudos Livres* em conjunto com Sílvio Romero.

O erudito escritor açoriano poderia dizer, como o seu companheiro insular Antero, que em Coimbra se lhe varrera “num instante toda a educação católica e tradicional” que recebera na sua infância e adolescência micaelenses e se achara “sem direção, ao abandonar decidida e conscientemente a velha estrada da tradição”, vindo, como o poeta panfletário das odes modernas, a encontrar no “germanismo”, - que, no seu caso, se limitava a Herder, Creuser, Grimm e vagamente, ao Hegel da Estética, conhecidos todos pela indireta e tantas vezes simplificadora via francesa de Michelet, Quinet e Vacherot, a que acrescia, com decisivo relevo, o Vico da Scienza Nuova – algumas das ideias fundamentais em que irá assentar, desde o precoce e interessante ensaio sobre A poesia do Direito (1865), a sua plurifacetada e imensa obra literária, especulativa e de pioneiro nos mais diversos domínios das ciências sociais e humanas. Dentre esse conjunto de ideias ou crenças especulativas essenciais cabe referir aqui a concepção teofilina da História como luta da Liberdade contra a Fatalidade, a atenção permanente à simbólica e aos mitos e lendas populares, como forma primitivas de religião, do direito e da linguagem e fonte primordial do conhecimento histórico e a adopção de um modelo ou de um processo triático de pensamento, de dimensão empírica e sociológica e não racional ou lógica, de que, em regra, está ausente o momento antitético da negatividade, o que parece impedir qualquer identificação ou aproximação entre o seu processo de pensar e a dialética hegeliana. (Joaquim de Carvalho apud Brás Teixeira, 1996, p. 103-104).

Essa avaliação feita de forma brilhante por Braz Teixeira nos encaminha a perceber como e porque Teófilo se encaminhou para o positivismo. Se nós pensarmos que o positivismo aparentemente apresenta um processo dedutivo e simples, Teófilo pode ter dispensado um aprofundamento maior nessa concepção. Claro está que Teófilo não se perfilou apenas a Comte, tendo identificado que a psicologia e a biologia eram ciências e que não foram consideradas pelo filósofo francês. Isso mostra que o seu positivismo poderia ter se encaminhado para o entendimento dado por Mills.

Teófilo recusou ingressar na linha da religião da humanidade como outros positivistas,

Teófilo não se acomodou ou acreditou que a ciência estava pronta, continuou sua procura e encontrou no evolucionismo de Darwin, tentou harmonizar – positivismo e transformismo – com isso rompeu com o positivismo de viés apenas Comteano.

Podemos afirmar que Teófilo foi um positivista heterodoxo.

Ainda na esteira da análise de Braz Teixeira, cito:

Quanto à concepção do Direito (...), apresenta. (...) a sua integração na sociologia, a consideração da vontade como seu domínio próprio e seu princípio filosófico, a sua essencial historicidade e o seu caráter evolutivo e progressivo, a sua natureza de disciplina prática e, como tal, multiforme, múltipla e complexa, extremamente variável consoante as diversas circunstâncias e situações concretas de cada época e de cada povo e a recusa da ideia de um qualquer Direito Natural, absoluto, eterno ou originário. No que respeita ao primeiro aspecto mencionado, enquanto Teófilo Braga entende que o conceito de Direito só pode obter-se, não a partir da consideração ou do exame da natureza fisiológica ou psicológica do homem como indivíduo mas sim do conjunto humano nas suas diversas e progressivas formas de sociedade, pelo que apenas a ciência sociológica constituiria base adequada para determinação daquele conceito (...) (BRAZ TEIXEIRA, 1996, p.109).

Esse entendimento mostra a origem científica do pensamento de Teófilo Braga, que deve ter-se aprofundado no positivismo e evolucionismo.

Mais adiante na exposição de Braz Teixeira encontramos o seguinte:

Segundo o determinismo biologista de Teófilo Braga, cuja concepção materialista o levava a pensar que os fenômenos do espírito e os movimentos psicológicos só poderiam ser compreendidos como uma transformação e correlação dos movimentos da matéria, não só a vontade individual se encontrava subordinada às leis invariáveis da natureza, como a vontade mais não seria do que uma reação motriz aos estímulos externos (*Ibidem*, p. 111).

Mais a frente conclui: “Deste modo, enquanto os atos da vontade são manifestações normais e reflexas de atos cerebrais, os atos da liberdade são motivados por um certo número de noções dominantes no meio social” (*Ibidem*, p. 111).

Ora, esse raciocínio é sem dúvida nenhuma produto da crença que a ciência social determina o movimento do ser social, o que justifica, em última instância, a não imputação de culpa pelo ato, pois ele foi produzido pela sociedade, ora, essa contribuição dada pelo cientificismo nos traz até hoje muitos problemas, pois não se conseguirá responsabilizar a pessoa humana por seus atos, e, mesmo que o faça, essa vertente tende a minimizar a responsabilização.

A Moral positivista é muito frágil, ou nenhuma, pois acaba gerando nas pessoas uma certa irresponsabilidade no viver, ou seja, eu só não fui melhor porque a sociedade não me propiciou condições de sê-lo. Esse entendimento é imoral.

No mesmo *III Colóquio Tobias Barreto*, José Esteves Pereira, apresentou: *Teófilo Braga e Silvio Romero: duas perspectivas sociológicas*, às págs. 167 a 182.

A Comunicação de Esteves Pereira no que concerne a Teófilo Braga é de todo esclarecedora e nos leva a entender melhor o positivismo sociológico representado pelo pensamento do nosso autor.

Teófilo acolhe o positivismo mas, não segue o último estágio percorrido pelo fundador da sociologia, que foi a Religião da Humanidade, seguiu o evolucionismo de Darwin e Spencer, o que o aproximou de Mills, que nos legou uma Teoria do Conhecimento. Esta aproximação não significou que tenha se afastado do pensador francês, apenas se diferenciou daqueles que adotaram a Religião. Tenha-se em conta que o pensamento Comteano teve um desenvolvimento multifacetado, propiciando várias correntes.

Segundo Esteves Pereira:

Teófilo Braga e Silvio Romero estiveram atentos (com crescente reservas no caso do segundo) à formulação comteana de um novo poder espiritual corporizado na ciência e de um novo poder temporal, a indústria que se entendiam conjugados pela síntese de uma política positiva (com o sentido na previsão) mas de contornos utópicos (PEREIRA, 1996, p. 167).

Ora, é evidente que Teófilo Braga incorporou em seu pensamento o cientificismo contido em August Comte, isso não era novidade no pensamento português, não podemos esquecer que o Marques de Pombal optou pela ciência e fez escola em Portugal.

Esteves Pereira no diz, logo a frente:

O sentido dinâmico presente na elaboração sistemática de Teófilo Braga para os fenômenos sociais estriba-se, ainda no paralelismo observado nas leis do movimento, tal como Spencer as vem a teorizar através da fórmula: Homogeneidade incoerente e agregação entre corpos diferentes na heterogeneidade coerente (PEREIRA, 1996, p. 169).

É evidente o cientificismo no pensamento teofilino.

Na Revista *Estudos Filosóficos* n. 7/2011, versão eletrônica – DFIME – UFSJ – São João del-Rei-MG – Pág. 243-259, Ricardo Vélez Rodriguez apresenta *A moral positivista, à luz das análises de Silvio Romero (1851-1914) e Teófilo Braga (1843-1924)*.

Ricardo Vélez tratando, em seu artigo, sobre os dois ilustres pensadores, o primeiro brasileiro e o segundo português, nos diz:

O Positivismo Ilustrado, em Portugal e no Brasil, percorreu caminhos diferentes, embora os seus representantes tivessem se alicerçado em fontes comuns. A diversidade correu por conta, em ambos os contextos, das diferentes condições socioculturais em que foram recebidas as ideias positivistas. Os Positivistas Ilustrados brasileiros e portugueses assemelham-se em dois pontos fundamentais: de um lado, rejeitaram o dogmatismo comteano e se afastaram, de outro, da versão autoritária de República proposta pelos ícones da escola. Deitaram, assim, os alicerces para uma prática política aberta às instituições do governo representativo, bem como às reformas sociais. Inseriram-se, destarte, no seio da vertente modernizadora que, do ângulo socioeconômico e político, abriu perspectivas novas, em Portugal e no Brasil, para ulterior desenvolvimento de agremiações próximas da social-democracia, no decorrer do século XX. Esta exposição tem por objetivo ressaltar os aspectos básicos do pensamento de dois Positivistas Ilustrados: Sílvio Romero, no Brasil, e Teófilo Braga, em Portugal, enfatizando o aspecto ético das ideias de ambos os autores (RODRIGUEZ, 2011, p. 243).

O texto citado é de grande significação para mostrar a amplitude que Teófilo Braga tem no pensamento português, seja ele, político ou literário. Ricardo Vélez no artigo mencionado mostra que na política Teófilo optou pelo Positivismo, e se a opção não é ditatorial, é porque o pensamento de Comte se apresenta multifacetado, e, nesse caso Vélez o qualifica como Ilustrado, ou seja, a opção foi pela educação, ou melhor definindo o Positivismo Pedagógico.

Em suas considerações finais, afirma que:

No magno esforço de traduzir o Volkgeist português, o nosso autor (Teófilo Braga) desaguou numa concepção que poderíamos denominar de “ética heterônoma”, segundo a qual a grande civilização ruma à grande síntese universal e definitiva, colocando, nessa maré, a façanha do povo português na busca da sua identidade, revelada nas criações literárias de todas as épocas. Aí radicaria a grandeza, bem como a limitação do nosso autor. Grandeza que se confunde com a exaltação da alma portuguesa, acreditando firmemente na sua existência e não poupando esforços para encontrá-la viva ao longo dos séculos; limitação que decorre da escassa disciplina historiográfica que o contrapôs ao grande Alexandre Herculano (1810-1877) (RODRIGUEZ, 2011, p. 256).

Essas considerações demonstram que Teófilo Braga entendia que a moral adviria da sociedade e não da pessoa, o que contradiz Kant e todos aqueles que definem a moral como algo individual, subjetivo e, quando esta passa para o plano universal esse conceito se incorpora no Direito.

4. Considerações finais

Tendo em vista que pretendo identificar a Moral Positivista de Teófilo Braga, vamos então falar sobre a Moral, em conclusão.

Antônio Paim, em seu *Tratado de ética*, nos ensina na Parte I – *A Moral e seus Problemas* – que: “ a) A Moral corresponde ao conjunto das regras de conduta admitidas em determinadas épocas, podendo ser, de igual modo, consideradas como absolutamente válidas.” (PAIM, 2003. p. 16).

Este conceito define que a Ética é uma meditação sobre os costumes.

No mesmo livro, no Capítulo 2 – *Questões centrais da discussão em torno da moral*, diz: “a) Objetividade do código e subjetividade da moral – A moral é subjetiva. Quando um princípio moral é adotado pela comunidade e torna-se lei, transita-se para a esfera do direito.” (*Ibidem*, p. 16).

O que fica desses ensinamentos é que a moral é subjetiva e, não há moral científica como queriam os positivistas. Teófilo Braga do ponto de vista político como mencionei anteriormente retirado do texto de Ricardo Vélez, defendeu que o poder político fosse exercido pelo sistema representativo. Entretanto, do ponto de vista da moral ele carregou em todos os seus conceitos sociais a cientificidade, objetivando descobrir ou deduzir que a sociedade produz uma moral *extra homini*.

A moral positivista em Teófilo Braga é deduzida da ciência, ou seja, acreditou que a ciência da sociedade produziria uma moral científica, como isso não ocorreu eu poderia deduzir que a moral positivista não existe.

Referencias:

BRAGA, Teófilo. *O povo português nos seus costumes, crenças e tradições*. v. 2, Lisboa: Liv. Ferreira, 1885.

_____. *Contos Fantásticos*. Lisboa: Livraria Antônio Maria Pereira, 1894. Ebooks. (<http://www.elibs.com.br/Teofilo-Braga/453-Contos-fantasticos>)

BRAZ TEIXEIRA, Antônio. Direito e Moral no Pensamento de Teófilo Braga e de Silvio Romero. *Atas do III Colóquio Tobias Barreto*. Lisboa: Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, 1996.

PEREIRA, José Esteves. Teófilo Braga e Sílvio Romero: Duas Perspectivas Sociológicas. *Atas do III Colóquio Tobias Barreto*. Lisboa: Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, 1996.

RODRIGUEZ, Ricardo Vélez. A Moral Positivista, A Luz das Análises de Sílvio Romero e Teófilo Braga. *Estudos Filosóficos*, São João del-Rei, n. 7 p. _____ jul./dez., 2011. (versão eletrônica <http://www.ufsj.edu.br/revistaestudosfilosoficos>)

PAIM, Antônio. *Tratado de Ética*. Londrina: Edições Humanidades, 2003.

The Moral Positivist Teófilo Braga

Abstract: The moral positivist became a belief for those Who believed that science would produce “scientific morality”. Teófilo Braga profited between them, so the moral positivism itself does not exist.

Keywords: Teófilo Braga; Positivism; Science; Moral; Heterodox.

Data de registro: 31/05/2013

Data de aceite: 23/08/2013